

ESCOLHA DE NOMES:  
PREFERÊNCIA DE UMA ÉPOCA.

[www.cantoni.pro.br](http://www.cantoni.pro.br)

Os prenomes são indicadores de grande valor para estudiosos de várias ciências. Entre muitos artigos que li para a composição deste trabalho, destaco os de cunho sociológico, uma vez que meu objetivo é analisar a escolha dos nomes pelas famílias que viviam em Leopoldina, Minas Gerais, na segunda metade do século XIX. Em quase todos os textos os autores se referem ao sociólogo francês Dominique Schnapper que na obra *Ensaio de Leitura Sociológica* teria declarado que o significado da escolha do nome dos filhos demonstra a preferência de uma época ou grupo social, estando ligada ao sistema de parentesco, às regras de transmissão de patrimônio e à ação do Estado e da Igreja.

Lembro ainda que, segundo Pierre Bourdieu<sup>1</sup>, o nome próprio localiza o sujeito no tempo e no espaço, garantindo-lhe a identidade em todos os campos nos quais ele intervém. Sua escolha, entretanto, provém de outros sujeitos, individuais ou coletivos, com destaque para a família.

A família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações: ela resguarda sua unidade pela transmissão e para a transmissão, para poder transmitir e porque ela pode transmitir. Ela é o “sujeito” principal das estratégias de reprodução. Isso se torna bem claro, por exemplo, na transmissão do nome de família, elemento primordial do capital simbólico hereditário: o pai é apenas o sujeito aparente da nomeação de seu filho, já que ele o nomeia de acordo com um princípio que não domina e que, ao transmitir seu próprio nome (o nome do pai), ele transmite uma *auctoritas* da qual não é o *auctor* e em conformidade com uma regra que não criou. O mesmo é válido, *mutatis mutandis*, a respeito do patrimônio material. (Bourdieu, 131)

Pois a escolha dos nomes das crianças nascidas em Leopoldina chamou minha atenção desde a primeira vez em que me debrucei sobre os livros de batismo da Freguesia de São Sebastião. Naquela época, ao ler os assentos eu me perguntava pelos motivos que levaram tantos pais a escolher determinados nomes para seus filhos. Seria uma imposição da Igreja? Homenagem aos detentores do poder? Ou falta de criatividade?

Aos poucos fui observando que o conjunto de nomes ia se modificando, aparentemente relegando ao esquecimento alguns dos que apresentavam grande incidência nos primeiros livros de batismo. Mais tarde, ao procurar os casamentos daquelas crianças, surpreendi-me com algumas alterações. Embora os nomes dos

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas-SP: Papyrus, 1996

pais fossem os mesmos e a idade informada no casamento fosse compatível com o batismo que eu encontrara, não foram poucos os casos em que o noivo ou a noiva apresentavam-se com outro primeiro nome. Após alguns estudos, tomei conhecimento de uma prática que, embora não possa ser tida como rigorosa, justificava as mudanças.

Segundo explicação de um padre a quem recorri, era comum que a criança recebesse um único nome no batismo e um segundo nome na crisma. Infelizmente não logrei êxito na busca dos registros de crisma em Leopoldina. O mesmo padre explicou-me que este sacramento era realizado pelo bispo e, portanto, os registros estariam na sede. Ocorre que até 1896 a paróquia pertenceu ao Bispado do Rio de Janeiro e só então foi oficializada a transferência para o Bispado de Mariana. Mesmo procurando nos dois locais, nada encontrei.

Desta forma, não pude comprovar a hipótese de que, naqueles casos, o nome de crisma teria passado a prenome, ficando o nome de batismo como segundo nome. Por outro lado, após o levantamento realizado nos livros de batismo, de casamento e de sepultamento, constatei mais algumas características das práticas sociais daquele período. Entre outras, destaco a multiplicidade de formação do nome completo das pessoas adultas, assunto que abordei em outro trabalho que pretendo revisar brevemente.

Este texto é uma atualização do material que divulguei em 1985 e aborda os nomes de pessoas nascidas no município de Leopoldina entre 1855 e 1870.

## **O Estudo**

A busca de uma explicação para a escolha dos nomes das crianças foi a mola propulsora deste estudo. Os assentos analisados se referem a 1.391 batismos realizados entre fevereiro de 1855 e novembro de 1870, sendo 679 crianças do sexo feminino e 712 do sexo masculino. Foram apurados 295 nomes, sendo 134 femininos e 161 masculinos. Do total, apenas 8 meninos e 1 menina foram batizados com nome duplo.

Durante a recolha dos dados, verifiquei se a criança recebeu o prenome dos pais ou dos padrinhos e selecionei os casos em que não havia tal coincidência. Para o período estudado, os livros paroquiais não registram o nome dos avós. Sendo assim, numa segunda etapa foram procurados não só os nomes destes ascendentes como também os de outros parentes consanguíneos e as relações de afinidade dos pais das crianças.

Após a segunda seleção, observei que os nomes restantes eram diferentes dentro do círculo familiar que consegui remontar e também de baixa incidência no momento do batismo. Levantei, então, a hipótese de terem sido escolhidos por alguma influência externa que seria difícil identificar, dada a distância no tempo.

Entretanto, uma constatação ressaltou do relatório produzido: os nomes que apareciam pela primeira vez eram homônimos de personagens contemporâneos que aparentemente transitavam fora da órbita de relacionamento pessoal daquelas famílias ou que tiveram destaque em região mais ampla. Um destes casos é o surgimento do nome Leopoldina, dado ao município em 1854 em homenagem à filha de D. Pedro II nascida em 1847. Embora só tenha aparecido pela primeira vez em batismo de 1857, já era utilizado em mulheres adultas que receberam outro nome na pia batismal. Esta descoberta só ocorreu muitos anos após a primeira versão deste texto, quando tive acesso ao batismo e ao casamento de duas jovens que se transferiram para o então distrito do Feijão Cru entre 1849 e 1851. Nascidas na região de Ibitipoca na década de 1830, inicialmente chamaram-se Ana e Maria. No casamento de ambas aparece o segundo nome, adotado provavelmente em homenagem à Princesa Leopoldina.

Mais recentemente eu descobri a provável origem de outro nome diferente do estoque da Leopoldina de então. Em 1860 surgiram as duas primeiras crianças

batizadas com o nome de Emília. Nos anos seguintes continuou sendo adotado e em 1864 foi a vez de surgir o primeiro Emílio. Na totalização do período analisado, Emília é o terceiro prenome mais utilizado e o primeiro em incidência como segundo nome. Entre os meninos, Emílio ocupa posição menos destacada, sendo o 7º segundo nome e apenas o 26º primeiro nome. Qual teria sido o motivo da escolha?

Há alguns anos entrevistei um antigo morador para trabalho de outra natureza. Por ser neto de um Emílio e sobrinho de outro, além de parente de várias mulheres com o nome Emília, perguntei se ele sabia a origem do nome destes parentes e ouvi uma explicação surpreendente. Segundo ele, uma sua bisavó foi a primeira da família a receber este nome, tirado de um livro que a mãe dela havia lido antes de se casar. Meu interlocutor não sabia o nome do livro mas adiantou que era uma obra em francês, cujo título estava escrito numa ‘caderneta’ guardada como lembrança daquela antepassada.

A surpresa, para mim, deve-se ao fato de tal pessoa dominar a língua francesa. Nascida por volta de 1844 em família tida como não abonada, tendo sempre vivido em Leopoldina e sem notícias de que tenha frequentado alguma escola, achei que a explicação do entrevistado poderia ser mais uma lenda familiar.

Para ampliar a surpresa, meses depois recebi um telefonema informando que o nome do livro era *Émile ou de l'éducation*<sup>2</sup>. Com muito cuidado, temendo ser mal interpretada e tentando conter a ansiedade, perguntei quais outras anotações havia na tal caderneta. De forma até um pouco displicente, informou que havia ali os nomes dos filhos com as datas de nascimento e que a capa tinha marcas que os avós dele diziam ser de dentes. E completou: “dizem que ela mordida a caderneta na hora do parto, para conter os gritos de dor!”

Completou-se, assim, o roteiro. Já ouvi contarem casos semelhantes. Eu mesma tenho um pequeno livro denominado Breviário da Missa, editado em 1890, que aparentemente teve uma capa dura. Pertenceu a uma de minhas bisavós e tem marcas que podem ser de dentes. Recebi de presente de uma nora desta bisavó, junto com a mesma explicação de que fora mordido durante as dores de parto. Nas primeiras páginas, os nomes dos filhos e as datas de nascimento.

Restaria, ainda, descobrir como a moradora de uma propriedade rural distante até mesmo do centro urbano de Leopoldina tivera contato com o ícone da

---

<sup>2</sup> A primeira edição desta obra de Jean-Jacques Rousseau, francesa, é de 1762. Segundo Ávila de Azevedo, a primeira edição em língua portuguesa é da década de 1880.

produção de Jean-Jacques Rousseau. Esta questão já estava parcialmente respondida pela leitura de antigos jornais de Leopoldina, dando conta do movimento dos mascates que levavam os mais variados produtos para vender nas fazendas, inclusive livros. E embora ainda não tenha encontrado meios de apurar detalhes sobre a cultura letrada da época, creio ser válido considerar que a vida em Leopoldina fugia bastante da imagem de burgo distante, habitada por pessoas rudes e analfabetas. Talvez o Emilio, de Rousseau, tenha sido realmente lido em várias casas e justifique a escolha do nome de tantas crianças batizadas entre 1855 e 1870. E talvez, também, tenha realmente sido uma edição em francês.

Para muitos nomes de pouca incidência, ainda não encontrei justificativa. Todavia, na revisão do trabalho foi possível confirmar algumas assertivas de Luiz Felipe de Alencastro no primeiro capítulo do segundo volume de História da Vida Privada no Brasil<sup>3</sup>. Este autor informa que, durante o Império, não se anexava “Filho”, “Júnior” ou “Neto” aos sobrenomes, confirmando o que encontrei e descrevi no ensaio sobre os Gonçalves Neto, uma das famílias povoadoras de Leopoldina. Outra de suas afirmações, que também encontrei, é sobre o “abandono de nomes tradicionais portugueses e a adoção de outros extraídos da mitologia, da história, dos romances e até da geografia”.(pag. 55)

A seguir apresentarei alguns quadros que demonstram a ampliação do estoque de prenomes no período estudado, alguns talvez por adesão a nomes representativos do afrouxamento dos vínculos com a Igreja.

---

<sup>3</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.) História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

## Resultados

Primeiro Livro de Batismos da Freguesia de São Sebastião, Leopoldina, MG  
É uma transcrição iniciada pelo Padre José Francisco dos Santos Durães em  
10.04.1885 e concluída em 28.12.1958 pelo Cônego José Ribeiro Leitão.  
273 folhas

Período: 1855 a 1870			
	Total	Feminino	Masculino
Batismos	1391	679	712
Nomes	295	134	161

MAIS INCIDENTES					
FEMININOS			MASCULINOS		
Prenome	Qtd	%	Prenome	Qtd	%
Maria	202	29,7	Antonio	116	16,3
Ana	51	7,5	João	88	12,4
Rita	41	6,0	José	85	11,9
Emilia	25	3,7	Francisco	42	5,9
Francisca	16	2,4	Manoel	39	5,5
Elisa	15	2,2	Joaquim	35	4,9
Luzia	14	2,1	Americo	14	2,0
Virginia	12	1,8	Carlos	12	1,7
Filomena	11	1,6	Pedro	11	1,5
Ignacia	10	1,5	Baldoino	10	1,4

NOMES DUPLOS	ANO
Felicidade Perpétua	1865
Adão Braz	1857
Antonio Francisco	1857
Antonio Marcolino	1856
João Carlos	1868
João Teodoro	1870
José Antonio	1867
Manoel Thomaz	1870
Zacarias Venancio	1856

SEGUNDO NOME APURADO EM CASAMENTOS, ALISTAMENTOS ELEITORAIS,  
COMPRA E VENDA DE BENS DE RAIZ, SEPULTAMENTOS E INVENTÁRIOS

Indivíduos localizados na Idade Adulta:	484
206 mulheres	
278 homens	

Adultos com segundo nome:	317
176 mulheres	85,4 % do total
141 homens	50,7% do total

FEMININOS			MASCULINOS		
2º nome	Qtd	%	2º nome	Qtd	%
Emilia	22	12,5	Antonio	12	8,5
José (F)	12	6,8	Carlos	12	8,5
Maria (F)	12	6,8	Augusto	10	7,1
Augusta	7	4,0	José (M)	10	7,1
Cândida	7	4,0	Maria (M)	9	6,4
Amélia	6	3,4	Ignacio	8	5,7
Francisca	6	3,4	Emílio	6	4,3
Tereza	6	3,4	Joaquim	6	4,3
Antonia	5	2,8	Assis	5	3,5
Carolina	5	2,8	Batista	5	3,5

No período imediatamente posterior ao que foi estudado, o estoque de prenomes sofreu alterações a partir da chegada, em grande número, de imigrantes europeus que se estabeleceram em Leopoldina no final do século XIX. Confirmando, desta forma, o que nos informa Schanapper sobre as preferências de uma época ou grupo social.